



Vacinas. LUC DESCHEEMAEKER (cartoonista belga). 2021. <https://www.instagram.com/p/CJqFBosp3nN/>

## Igreja e evangelização: provocações da pandemia

parte 3 — vinho novo, odres novos

# fermento para uma nova cultura

*“Das grandes provações da humanidade, dentre elas a pandemia, ou se sai melhor ou pior. Não se sai igual”.* Esta frase do papa Francisco contém, em si, um grande alerta: um mundo novo está a surgir das entranhas desta pandemia, mas a qualidade humana deste mundo ainda é uma incógnita, não é autoevidente. Tudo dependerá das opções que, pessoal e coletivamente, formos tomando. É necessário, então, lidar com este tempo atípico como uma *crisis*: um tempo que apela ao juízo, que traz a urgência de despertar consciências e tomar as melhores decisões. De acordo com o nosso título – retomando uma inspiração evangélica –, a Igreja não está nem acima nem abaixo dos outros atores sociais, mas deseja ser como um “fermento”. Gostaríamos de nos apoiar nesta metáfora inspiradora, para refletir sobre o papel das discípulas e dos discípulos de Jesus na construção de uma nova Cultura mais solidária, compassiva e fraterna.

Destacamos quatro características do fermento que nos parecem bastante inspiradoras: 1) em primeiro lugar o fermento não é o principal ingrediente de uma receita, e só realiza aquilo que lhe é próprio, quando provoca transformações na mistura dos outros ingredientes, aos quais reconhece o protagonismo; 2) em segundo lugar, o fermento é um ingrediente discreto: no resultado final de uma receita, deixa de ser visto na sua forma original, para passar a ser notado pelos efeitos que provoca, quando entra em comunhão com o que é diferente dele; 3) em terceiro lugar, a sua função principal é fazer crescer, evitando, as-

sim, que um pão ou um bolo fiquem colados ao chão, demasiadamente compactos e pesados; 4) e por fim, em quarto lugar, é curioso o processo por meio do qual ele provoca transformações: o fermento faz brotar o ar, o sopro, o vento no próprio interior da massa, abrindo e, às vezes, rasgando nela espaços necessários ao seu crescimento, leveza e sabor. Se a Igreja é chamada a ser, neste mundo, um sacramento da humanidade reconciliada, podemos sonhar que, na nova Cultura emergente, a humanidade possa realizar-se mais plenamente, ao assumir a sua condição de fermento neste mundo. Integrando, com leveza e cuidado, a comunidade da vida, a humanidade pode ser porta-voz do louvor a Deus que se expressa em toda a Criação, escutando e dando voz às subtis boas notícias dos seres silenciosos, e às dores de todos os seres brutalmente silenciados. Vejamos o que isso poderá significar.

(1) Tecer novas relações e apreciar o protagonismo do diferente. Durante séculos – e de modo mais acelerado a partir da modernidade ocidental –, a separação entre Natureza e Cultura foi sendo enfatizada, com sérias consequências éticas, sociais, teóricas e espirituais. A consciência da distinção entre os seres humanos e os outros seres, foi caminhando rumo a uma cisão, alimentando processos hegemônicos e despóticos, não somente entre a humanidade e o conjunto da Criação, mas também, entre os próprios seres humanos, ampliando conflitos sociais, étnicos, religiosos, sexuais, geracionais etc. Deixando-se iluminar pela nova Cultura ecológica em gestação – já tão antiga, em tantos povos

nativos! —, os discípulos e discípulas de Jesus podem descobrir e ajudar os seus irmãos humanos a descobrir uma nova faceta da sua dignidade: o que é mais próprio da dignidade humana é a nossa capacidade de dignificar, de reconhecer a dignidade dos outros, a dignidade de toda a Criação de Deus. Só há dignidade de tudo e de todos, onde forem vencidos o autcentralismo, a autorreferencialidade, o sentimento e o pensamento que justificam uma pretensa superioridade de uns sobre os outros.

(2) Alegrarmo-nos por sermos parceiros e parceiras discretos de um projeto maior do que nós. Não haverá nova Cultura, nova humanidade, novas relações, sem uma nova capacidade de diálogo, de debate de ideias, de escuta da diversidade de valores presentes nas nossas sociedades plurais. Neste sentido, a discrição do fermento inspira novos modos de viver os processos sociais transformadores. Dignas de nota são as diversas iniciativas promovidas pelo papa Francisco, desde o início do seu magistério, inspiradas no princípio de sinodalidade, a arte de caminharmos juntos. Vários foram os encontros com movimentos sociais, cientistas, educadores, economistas, povos nativos... Na base desses encontros, uma certeza comum: ninguém possui, sozinho, as respostas para superar as crises da humanidade, e avançar rumo a um mundo mais conforme ao Reino de Deus. Por isso, a atitude de escuta mútua revela-se como a única via lúcida, para que os diversos atores sociais intuam e construam, juntos, novos caminhos para a ciência, para a educação, para a economia, para a ecologia, para a Igreja.

(3) Reconhecer que o crescimento de uns só faz sentido, com o crescimento de todos. Há várias maneiras de se conceber

o tipo de crescimento que pode trazer alegria ao mundo, e que irá surgir neste pós-pandemia. Alguns modelos de crescimento, fundados na ilusão de um progresso ilimitado, mostraram-se predatórios, incentivando a devastação das riquezas naturais dos diversos biomas para a reprodução, em larga escala, de alguns poucos produtos (normalmente grãos e gado), para benefício de um pequeno grupo de privilegiados. A nova consciência ecológica alerta para a importância da biodiversidade, e denuncia o caráter homogeneizador das práticas de produção das grandes indústrias agropecuárias. Um olhar espiritual contemplativo, também, é capaz de reconhecer, na beleza da Criação, a verdade contida na máxima “quanto mais diverso, mais divino”. Assim, o crescimento a desenvolver nesta nova Cultura pós-pandêmica, deveria ser duplo: o cuidado e a conservação da riqueza natural que nos foi confiada pelas gerações que nos precederam, e o aumento da qualidade de vida dos grupos menos favorecidos, que não são beneficiados pelas produções em larga escala. É urgente e imprescindível promover a aprendizagem e a valorização da partilha, como antídoto contra o desejo insustentável de acumulação. Além disso, é necessário falar de um crescimento ético que se faz urgente e necessário: o estabelecimento de limites à nossa capacidade produtiva. Na encíclica *Laudato si'*, o papa Francisco, de modo recorrente, convida a humanidade a experimentar a realização mais completa da sua liberdade, face à escolha de uma autolimitação consciente e responsável. O paradigma da não destruição, deverá reger as decisões relativas ao crescimento ou à desaceleração.

(4) Devolver a saúde pneumática ao mundo, sem temer os possíveis conflitos.

Devemos reconhecer que a pandemia atual traz consigo uma poderosa metáfora. A enfermidade que este vírus provoca, afeta o sistema respiratório, provocando uma espécie de asfixia. O parasita, inconsciente e inconsequente, sufoca o seu hospedeiro, decretando, ao mesmo tempo, o fim da sua própria existência. Não tem sido esse o comportamento da humanidade, nos últimos séculos, em relação aos recursos do nosso planeta? O fermento, como vimos, faz brotar o ar dentro da massa, criando novos espaços. Todas as religiões e tradições espirituais são convocadas a colaborar com a elevação ética da humanidade, ajudando as pessoas e as sociedades a tomar consciência de que a vida saudável depende da respiração: inspiração e expiração, recepção e doação, personalização e comunhão. Porém, rasgar novos espaços numa massa compacta, embora seja fundamental, não é sempre uma atividade confortável. É necessário identificar tudo aquilo que prende esta massa ao chão, que não lhe permite atingir a leveza e o sabor aos quais ela é chamada. Faz parte da missão das religiões identificar e nomear as forças do mal, aquilo que, em regime cristão, chamamos de Anticristo e Antireino. Aqui, uma vez mais, o papa Francisco é um grande líder inspirador. Ele não hesita em denunciar uma economia que mata, uma indústria que prefere as armas ao alimento, uma política que manipula e corrompe, ao invés de liderar processos de superação da desigualdade, um nacionalismo que fecha as portas à fraternidade, uma Igreja mais preocupada com os seus privilégios históricos do que com o Evangelho de Jesus Cristo.

Não podemos ser ingênuos: existem,

e sempre existirão, grupos humanos poderosos que resistirão à emergência de qualquer Boa Nova para os pobres, os cativos, os cansados, os desesperados... Com o avanço técnico e tecnológico, esses grupos ampliaram, exponencialmente, a sua capacidade de produção, mas também de destruição. Agem como predadores da Natureza e de outros seres humanos, com uma voracidade sem limites. Como deveremos lidar com eles? Não há, evidentemente, respostas prontas. Mas se as Escrituras cristãs, por um lado, falam em “não resistir ao violento”, por outro, falam também, em linguagem apocalíptica, do grande combate contra o Dragão devorador. A emergência de uma nova Cultura e de uma nova humanidade, depende da vitória de uma humanidade propriamente eucarística – capaz de viver o dom de si para o sustento de toda a Criação – contra uma lógica autocentrada e voraz. O fermento não existe em função de si, pois se destina à existência de um pão ou de um bolo mais nutritivo, saboroso, leve. O bolo e o pão, por sua vez, também não existem em função de si mesmos, mas para alimentar a vida e proporcionar maior prazer e alegria àqueles e àqueles para quem são feitos. Do mesmo modo, só podemos desejar – e colaborar ativamente para esse fim! – que a nova humanidade, que está sendo testada no interior desta crise pandêmica, aprenda que a partilha de tudo o que somos e possuímos, com quem não é e não possui da mesma maneira que nós, é uma condição para o surgimento de um mundo mais bonito, diverso, humano e divino, onde todos possam crer, esperar e amar.

# Igreja doméstica e em saída digital.

## Horizontes novos para a vivência da fé cristã

Este texto propõe-se explorar e refletir sobre aspetos decisivos da vivência da fé cristã, do ser Igreja de Jesus Cristo, que, neste longo contexto de pandemia, afloraram bem fortemente, seja como exigência pastoral diante de urgências, seja como dinamismo profético a exigir respostas novas diante dos sinais do tempo. Está organizado em duas partes: a primeira aborda a igreja doméstica, e a segunda reflete sobre o chamamento a sermos uma “Igreja em saída”, também, no ambiente digital.

### **Igreja doméstica**

Por inúmeras razões, a vivência da fé cristã, o modo de ser cristão, foi perdendo, paulatinamente, a força da sua capilaridade e da sua dimensão doméstica, familiar, vivida no interior do espaço sagrado das casas, com inúmeros desdobramentos para a vida eclesial e em sociedade. A opção pela estrutura organizativa paroquial da vida cristã, com os seus ritos litúrgicos sacramentais, especialmente, a celebração da eucaristia, do batismo-crisma, da penitência e do matrimónio, com as suas exigências e obrigações, concentrou tudo em torno do que passou a ser vivido no interior dos templos, das igrejas. Tudo passou a ser centralizado sob o poder hierárquico do clero. No senso comum, até hoje, em muitos lugares, o “sair de casa para ir à igreja”, o não faltar à missa aos “domingos e festas de guarda”, concentra o critério decisivo para definir quem é cristão católico praticante ou não. Os processos decisórios, as reuniões de planeamento, os encontros, os ritos sacramentais, a catequese, as festas religiosas e, até mesmo, grande parte das devoções passaram a ser vividas, praticamente, no interior ou ao redor do templo e sob o controle do clero.

Esta configuração da fé cristã, já há algum tempo que se revela esclerosada.

Não corresponde ao contexto atual, em que as pessoas, praticamente, em todos os âmbitos da vida, se perspetivam como sujeitos ativos dos seus processos, e sedentos de reconhecimento, relação dialógica, autonomia e participação. Sem criar condições para o exercício criativo da subjetividade, torna-se, praticamente, impossível, na vivência da fé cristã, haver crescimento significativo, conquista da maioridade na fé, desenvolvimento da autonomia e do senso de corresponsabilidade na missão. A pandemia da Covid-19, com o necessário distanciamento social e o consequente encerramento dos templos, explicitou, mais do que a impossibilidade do tradicional funcionamento da dinâmica paroquial, a inadequação de um cristianismo centrado nas mãos do clero, sem sinodalidade, sem dinâmica ministerial ampliada com projetos pastorais estimulantes, desafiantes e envolventes, e sem capilaridade participativa e corresponsável na vida eclesial e na sociedade.

### **Que queremos dizer quando dizemos igreja doméstica?**

Entendemos por igreja doméstica a vivência quotidiana da fé cristã, de forma autónoma e corresponsável, no dinamismo concreto da vida dos convertidos e convertidas ao Reino de Deus. Trata-se da realidade iluminada e impul-

sionada pela fé que se torna seguimento de Jesus, cultivada no seio da dinâmica interna da vida familiar, com os seus múltiplos desdobramentos para a vizinhança, o bairro, a comunidade, o trabalho, a participação nos movimentos populares, nas pastorais, na política, enfim, em todos os âmbitos da vida eclesial e em sociedade. Compreende-se, portanto, como um cultivo diário da vida nova, do jeito de viver e conviver, que se vai moldando, transformando e purificando, continuamente, na olaria da experiência do amor de Deus e do amor compartilhado na família e na sociedade. Realidade, conseqüentemente, muito mais ampla do que o que é vivido e compartilhado no espaço do templo. Tudo o que é refletido e vivido no templo, na leitura da Palavra de Deus, nas dinâmicas impulsionadas pela comunidade de fé, visa alimentar os horizontes da igreja doméstica, como lugar próprio para interiorizar o sentido de ser cristão.

A igreja doméstica, como expressão da inquieta e criativa vivência da fé cristã no cotidiano da vida das pessoas, está muito presente nas origens. Primeiro, o próprio Jesus, de muitas maneiras, deixou-se fecundar pelo húmus da experiência doméstica quotidiana, para expressar o dinamismo do Reino de Deus presente e atuante no meio de nós (Mt 7, 24-27; 13, 33). Utilizou, muitas vezes, o espaço da casa, o círculo familiar, para vivenciar a fé com os seus discípulos e discípulas (Mc 14, 12-25). Segundo, ao envolver os seus seguidores e seguidoras na missão, prestou atenção, em primeiro lugar, à realidade vivida nas casas (Mc 6, 10-12). Terceiro, o livro dos Atos dos Apóstolos, ao narrar a vida dos primeiros cristãos, descreve a experiência de Pentecostes no espaço da casa e não do templo (At 2, 1-4), e apresenta as pri-

meiras comunidades cristãs como sendo igrejas domésticas (At 2, 42-47). Quarto, a grande referência de atuação dos apóstolos, sobretudo Paulo, ao formar comunidades cristãs, era o espaço da casa e não o do templo (Rm 16,5; 1Cor 16,19; Cl 4, 15). Quinto, no centro da experiência da fé cristã está a gratuidade da iniciativa do amor divino que nos torna membros da família de Deus: somos filhos e filhas do mesmo Abba querido e, portanto, chamados a viver como irmãos e irmãs, enraizados em Cristo Jesus (1 Jo 4, 7-9.19-21).

### **A igreja doméstica em contexto de pandemia**

O contexto de pandemia, com as exigências sanitárias do “ficar em casa”, impulsionou a tomada de consciência da centralidade da igreja doméstica no dinamismo da vida cristã. Colocou na lista das discussões e reflexões teológico-pastorais, o sentido e o papel da igreja doméstica, no conjunto da ação evangelizadora e na missão do Reino. No entanto, importa dizer que a igreja doméstica não surge como uma saída de emergência, uma espécie de via secundária, a que se recorre em contextos especiais, quando se está impedido de utilizar a via principal da paróquia e da centralidade do templo e do clero. Pelo contrário, a igreja doméstica impõe-se como o lugar do cultivo da intimidade, da interiorização afetiva e efetiva, e do aprofundamento da experiência da fé cristã. E, se observarmos com atenção, ela é, na verdade, a “Primeira Igreja”, pois, é no seio familiar, no aconchego do lar, que a maioria das pessoas nasce, é recebida e recebe os primeiros e os últimos cuidados, na infância e na velhice. Quando a família não está bem estruturada e equilibrada afetiva, social e eco-

nomicamente, a vida das crianças e dos idosos é envolvida em situações trágicas de abandono e de violência. O espaço doméstico é onde a maioria das pessoas aprende os princípios e os valores básicos e estruturantes para a vida, onde se testemunham e se cultivam os bons costumes.

A igreja doméstica, como qualquer outra realidade humana, é marcada pela ambivalência humana e, portanto, pela carência de conversão. Se na Igreja, nas relações que se concretizam na diocese e na paróquia, pode ser reconhecido o grave problema do clericalismo, na família surge o patriarcalismo, a violência doméstica, entre outras questões. Toda e qualquer Igreja é uma realidade sempre carente de reforma e conversão.

Nesse sentido, pode dizer-se que uma evangelização que não contemple, valorize e trabalhe as relações humanas, seja no espaço do templo, seja no espaço doméstico familiar, não atinge, de facto, a vida concreta das pessoas, o coração dos convertidos e convertidas, o centro de irradiação das suas vidas.

### **Igreja doméstica: um indicador decisivo para a ação evangelizadora**

Não se pode pretender que a igreja doméstica seja evangelizada com uma pastoral de massa, com uma dinâmica de mega templos, de grandes aglomerações, mas através da formação de pequeninas comunidades, com círculos bíblicos e pequenos grupos de reflexão, partilha, ação e celebração.

Estas células, por mais diretrizes e orientações que recebam da Palavra de Deus e dos clérigos, não podem ser nem uniformizadas, nem controladas pelo clero. É uma realidade na qual os cristãos leigos e leigas são os sujeitos condutores dos seus processos internos, são os verdadeiros artífices, cuidadores,

zeladores, guardiães. Há que haver o cultivo da confiança na presença de Deus, sempre companheiro de estrada conosco, e na própria liberdade-responsabilidade de cada um. A igreja doméstica favorece a emergência de sujeitos adultos, que refletem, filtram, interpretam, interiorizam, dialogam e livremente se comprometem com a práxis cristã.

Por tudo isto, a igreja doméstica deve ocupar o centro das atenções e das preocupações da ação evangelizadora da Igreja. Neste sentido, deve ser considerada um indicador concreto do nível de qualidade da vida cristã e da ação evangelizadora.

### **Igreja em saída digital**

Se a igreja doméstica pode ser entendida como a vivência da fé cristã no quotidiano das pessoas, para além dos templos, é preciso levar em conta, também, que hoje habitamos espaços aumentados, expandidos, conectados, graças à evolução tecnológica. Durante o confinamento devido à Covid-19, as “Igrejas domésticas” não se limitaram à própria casa, mas conectaram-se com outros lares, unindo pessoas, famílias, grupos e comunidades em encontros de oração, formação e organização de ações pela internet. O fenómeno digital escancarou as portas das casas ao mundo, fazendo com que as pessoas se sentissem “reconvocadas para fora”, para o “céu aberto” da comunicação. Deste modo, passou-se a viver também uma nova eclesialidade, com um novo significado, devido ao encerramento dos templos por causa da pandemia e, ao mesmo tempo, na sequência da reabertura ao mundo, possibilitada pela conexão das redes.

Assim, mesmo num período de distanciamento social, a Igreja pôde continuar a ser – e talvez até mais – “em

saída”, como nos pede o papa Francisco. Agora, porém, pelas “estradas digitais”, que, como diz o papa, estão “congestionadas de humanidade, muitas vezes ferida: homens e mulheres que procuram uma salvação ou uma esperança”. Para Francisco, “abrir as portas das igrejas significa também abri-las ao ambiente digital, seja para que as pessoas entrem, independentemente da condição de vida em que se encontrem, seja para que o Evangelho possa cruzar o limiar do templo e sair ao encontro de todos” (FRANCISCO, 2014). E ele mesmo dá o exemplo, com as suas presenças no Twitter (nas várias contas @Pontifex), no Instagram (@Franciscus), no YouTube (com o projeto “*O Video do papa*”) e, também, no aplicativo *Click To Pray*, que nos convida a rezar pelas intenções de Francisco, ao longo do dia.

Alguns dados ajudam a ilustrar a importância do ambiente digital na vida quotidiana contemporânea. Segundo o instituto de pesquisas *DataReportal*, com dados divulgados no início de 2020, já são 150,4 milhões os utentes frequentes da internet no Brasil, ou seja, 71% da população. Desperta, ainda, mais a nossa atenção o tempo médio de uso diário da internet por parte dos brasileiros: 9h17min, praticamente metade de um dia, o que coloca o país no terceiro lugar mundial em relação ao tempo de conexão (ficando, apenas, atrás das Filipinas e da África do Sul).

Em julho de 2020, o *DataReportal* publicou uma nova pesquisa, para se compreender as transformações que a pandemia havia provocado no cenário digital. Constatou-se que, durante o período inicial da quarentena, uma grande maioria dos entrevistados (entre dezasseis e sessenta e quatro anos de idade) passou, ainda, mais tempo ligada:

70% nos seus telemóveis, e 58% nas redes sociais digitais.

### **Ambiente de vida e de realidade**

Estes dados confirmam aquilo que Bento XVI já afirmava em 2013: “O ambiente digital não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade quotidiana de muitas pessoas” e, por isso, “se a Boa Nova não for dada a conhecer, também, no ambiente digital, poderá ficar fora do alcance da experiência de muitos” (*BENTO XVI, 2013*). O digital, portanto, é real. É uma realidade cultural e social. É uma expressão cada vez mais encarnada, concreta e material da humanidade.

É preciso, desse modo, superar a dicotomia “virtual x real”, “offline x online”. Hoje, vivemos uma experiência verdadeiramente “onlife” (*FLORIDI, 2014*), isto é, a conectividade e as redes digitais já são uma dimensão existencial das pessoas. É cada vez mais difícil – senão impossível – viver sem internet, ambiente no qual nos relacionamos, estudamos, trabalhamos, compramos, nos entretemos, rezamos etc. Em 2011, um relatório da ONU chegou a defender o acesso à rede como um direito humano característico do século XXI, e afirmou que impossibilitar tal acesso ou desconectar a população, viola esse direito (ONU, 2011).

Redes e ruas, portanto, estão mais do que nunca conectadas e interligadas. O “véu” dessa separação rasgou-se há um bom tempo. O que possibilita, por sua vez, também, novas formas de encontro e de relação, inclusive com o sagrado. E, por isso, transforma a própria experiência e vivência da fé.

### **Ambiente de relação e de comunidade**

Hoje, o papa Francisco afirma que “a internet pode oferecer maiores possibili-



dades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus”. Segundo ele, “a rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas” (FRANCISCO, 2014). Francisco também já afirmou que “o uso da internet é complementar ao encontro em carne e osso”; é, inclusive, um “recurso para a comunhão” (FRANCISCO, 2019).

Especialmente nestes tempos de pandemia, surgiram novas formações comunitárias e eclesiais em rede. Constituíram-se verdadeiras “comunidades eclesiais digitais”, que se reúnem para rezar juntas, refletir e aprofundar a fé, como no fenômeno das “lives”, ou transmissões em direto, e, principalmente, na partilha do pão da Palavra. Desta forma, atualiza-se, por outros meios e noutros ambientes, uma mesma busca de vínculo interpessoal e de experiência religiosa, própria de outras formas de comunidade. Trata-se, no fundo, de “outro modo de ser Igreja”, no meio das diversas variações históricas das experiências comunitárias, que nunca foram as mesmas, nem iguais, ao longo da história da Igreja e nas diferentes culturas. É o que Francisco também põe em relevo na *Evangelii gaudium*: “Como podemos ver, na história da Igreja, o cristianismo não dispõe de um único modelo cultural [...]. Não faria justiça à lógica da encarnação, pensar num cristianismo monocultural e monocórdico” (EG 116). Cada modelo cultural, na sua diversidade, possibilita diferentes formas de encontro e de relação, de comunhão e de comunidade – em suma, de participação. E a fé cristã assume “o rosto das diversas culturas e dos vários povos onde for acolhida e se radicar” (EG 116).

O mesmo se pode dizer da chamada

“cultura digital”. Neste sentido, “as comunidades em redes digitais complementam e fortalecem as comunidades presenciais”, como afirma o Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil (n. 183). Mas isso, continua o documento, “exige uma renovada capacidade de dialogar com as pessoas”. Ou seja, conexão não é, automaticamente, relação. A comunidade é fruto da comunhão entre as pessoas, que, por sua vez, é fruto da capacidade de dialogar, de se abrir ao “outro”. Em rede, é preciso, não apenas, reconhecer a presença do irmão e da irmã, mas também, envolvê-los e deixar-se envolver por eles, para que seja possível uma participação ativa na experiência de comunhão e na construção de uma comunidade.

### **Ambiente de inculturação e evangelização**

O desafio é reconhecer as “formas e valores positivos” (EG 116) presentes na cultura digital e que podem enriquecer a evangelização, introduzindo-os na cultura eclesial. Trata-se de promover uma verdadeira inculturação digital, que assuma as “categorias próprias da cultura [digital]” no anúncio do Evangelho, permitindo que a força do próprio Evangelho “provoque uma nova síntese com essa cultura” (EG 68).

Trata-se de um processo artesanal, que deve ser discernido e elaborado a partir das especificidades de cada contexto local, de acordo com os tempos, os lugares e as pessoas. É preciso, também, ter consciência crítica diante de tantos aspetos negativos das redes, como a desinformação, os discursos de ódio, as “bolhas” sociais e informativas, a dependência tecnológica etc. Além disso, embora falemos de “cultura digital” no singular, as expressões da digitalização são as mais diversas, gerando diferentes

“culturas digitais”, inclusive dentro de uma mesma região. O Brasil, aliás, ainda tem uma forte cultura não digital. De acordo com os dados apresentados no início deste texto, há ainda 29% de brasileiros desconectados. Perante tudo isto, o maior desafio pastoral é superar a lógica da “substituição” pela lógica da “complexificação”, da complementaridade, da interligação. Se o digital não se opõe ao “real”, então o desafio é promover uma complexa ecologia comunicacional pastoral, na qual “tudo esteja estreitamente interligado” (cf. *Laudato si'*, n. 16). Se a pastoral quiser ser verdadeiramente cristã, nos passos do Deus que encarnou na história e na cultura humanas, interligando, estreitamente, o divino e o humano, e se quiser ser verdadeiramente católica, acolhendo a universalidade e a diversidade humanas, ela é chamada a abandonar a lógica do “ou” e a assumir a lógica do “e”. Não se trata de viver a fé, “ou” no ambiente digital, “ou” nos demais ambientes sociais, mas sim de sair ao encontro das pessoas no ambiente digital, “e” nos demais ambientes sociais, isto é, onde quer que elas estejam, para assim gerar comunhão e construir comunidade, como fez Jesus com os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35).

Noutra passagem, Jesus disse, ainda: “Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles” (Mt 18,20). Trata-se de uma verdadeira promessa de presença real do próprio Jesus. O importante, aqui, não é o “onde”, em sentido geográfico, mas sim, reunir-se em comunidade em nome de Jesus – em casa ou no templo, à distância ou perto, em rede digital ou fora dela

– para experimentar a sua presença e viver a comunhão com ele.

### À guisa de conclusão

Como vimos, igreja doméstica e Igreja em saída digital, são realidades que enriquecem e despertam possibilidades novas para a fé cristã se dizer, se configurar e concretizar a sua missão de ser “fermento”, “sal” e “luz”, no complexo contexto em que vivemos. Ambas explicitam temáticas centrais, para se pensar a atual vivência da fé cristã e, juntas, oferecem criativo e dinâmico indicador do nível de qualidade da ação evangelizadora contemporânea.

### Nota

1) Esta centralidade do vivido no templo e sob o controle do clero, pode ser observada, com as devidas diferenças, em muitas outras denominações protestantes e evangélicas pentecostais e, sobretudo, neopentecostais. Nesse sentido, acreditamos que o que aqui é apresentado, possa servir para alimentar a reflexão cristã na sua multieclesialidade.

### Referências

- BENTO XVI. Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização. Mensagem para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Vatican.va, Vaticano, 24 jan. 2013.
- FLORIDI, Luciano (org.). *The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era*. Londres: Springer, 2014.
- FRANCISCO. Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro. Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Vatican.va, Vaticano, 24 jan. 2014.
- \_\_\_\_\_. “Somos membros uns dos outros” (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana. Mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Vatican.va, Vaticano, 24 jan. 2019.
- ONU. “*Report of the Special Rapporteur on the promotion and protection of the right to freedom of opinion and expression.*”, Frank La Rue”, Conselho de Direitos Humanos da ONU, 16 mai. 2011.

EDWARD GUIMARÃES / MOISÉS SBARDELLOTTO

# A QUARESMA COMO TERAPIA

**A QUARESMA É UM SEGMENTO DO CHAMADO ANO LITÚRGICO ONDE, NUMA EXPERIÊNCIA CIRCULAR DA HISTÓRIA, OS CRENTES REPETEM E ATUALIZAM NAS SUAS VIDAS O IMPACTO DA SALVAÇÃO DE CRISTO**

**O**s cristãos começam esta semana a quaresma: um ciclo espiritualmente intenso de 40 dias que os prepara para celebrar a Páscoa. A quaresma é um segmento do chamado ano litúrgico onde, numa experiência circular da história, os crentes repetem e atualizam nas suas vidas o impacto da salvação de Cristo. De facto, não se trata apenas de fazer memória das várias etapas da existência histórica de Jesus, mas de receber e maturar, a essa luz, uma nova visão deles próprios. Nesse sentido, não admira que, por exemplo, Carl Jung tenha individuado nos diversos momentos do ano litúrgico uma espécie de sistema terapêutico, pois os ritos são também essenciais ferramentas de cura. Importa, por isso, libertar a quaresma dos reducionismos que a neutralizam. A casuística e a moleza acomodatória depressa desfiguram o espírito e, aquilo que nos é oferecido como uma oportunidade de aprofundar com autenticidade a vida, descamba numa enésima forma de escapismo. Gosto do modo como um clássico contemporâneo, Romano Guardini, define a liturgia: é uma expansão da vida que toma posse da sua plenitude, já que os tempos e os rituais litúrgicos não são coisas que criamos, mas obras de arte que somos ou em que nos tornamos.

***A quaresma é uma proposta de discernimento e viragem. Os instrumentos práticos que apresenta para que operemos esta transformação espiritual são de ordem prática, não abstrações: o jejum, a oração e esmola***

O passo do evangelho que se lê no primeiro domingo da quaresma — e que lhe serve de chave — é o que relata as tentações de Jesus no deserto. O desafio é que aceitemos escutar a vida que nos pertence como se

estivéssemos realmente num deserto, sem armaduras nem desculpas, deixando que as perguntas fundamentais nos habitem de novo, interrogando-nos sobre o que fizemos da nossa liberdade ou do nosso amor, reconhecendo que o vazio desprotegido da paisagem é afinal simétrico ao nosso camuflado vazio, urdido por este vício nosso de viver às metades. Mesmo sabendo, como escreveu Sophia de Mello Breyner Andresen, que “Meia verdade é como habitar meio quarto/ Ganhar meio salário/ Como só ter direito/ A metade da vida”. O texto evangélico das tentações é um mapa para readquirir a inteireza e coloca-nos perante três núcleos de questões: 1) se é certo que não vivemos só de pão, vivemos de quê para lá do pão? Qual é verdadeiramente a nossa fome e a nossa sede? Onde é que elas acabam? Aonde nos conduzem? 2) a fé serve-nos para quê? Para submeter Deus às condições que consideramos necessárias para acreditar nele ou, antes, para nos

abrimos, como nômadas e peregrinos, à radicalidade do mistério? 3) estamos dispostos a renunciar ao equívoco do domínio e da posse, quaisquer que eles sejam, como supostas fontes de realização e de sentido, reduzindo a isso o horizonte de significação da vida? O que fazemos com as coisas que possuímos? E também: o que é que as coisas que possuímos fizeram de nós? A quaresma é uma proposta de discernimento e viragem. Os instrumentos práticos que apresenta para que operemos esta transformação espiritual são de ordem prática, não abstrações: o jejum, a oração e esmola. O jejum, como explica o Papa Francisco na mensagem quaresmal deste ano, é uma experiência de privação voluntária (de alimento ou de um tipo de alimentos; de dependências de todo o género, pequenas e grandes; dos consumos fáceis a que nos permitimos, etc.), adotando um estilo assumidamente frugal que ajude a devolver-nos liberdade. A oração volta o nosso olhar

para Deus, para as coisas grandes e amplia a nossa respiração. A esmola retira-nos do conforto autorreferencial. Torna objetivos a compaixão, a solidariedade e o cuidado que nos permitem passar da indiferença à responsabilidade pelos outros, sobretudo os mais vulneráveis.

**JOSÉ TOLENTINO  
MENDONÇA**

in Semanário *Expresso*  
20.02.2021

## Conversão ecológica

Esta **conversão** comporta várias atitudes que se conjugam para ativar um cuidado generoso e cheio de ternura. Em primeiro lugar, implica gratidão e gratuidade, ou seja, um reconhecimento do mundo como dom recebido do amor do Pai, que conseqüentemente provoca disposições gratuitas de renúncia e gestos generosos, mesmo que ninguém os veja nem agradeça. *Que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua direita (...); e teu Pai, que vê o oculto, há de premiar-te* (Mt 6, 3-4).

Implica ainda a consciência amorosa de não estar separado das outras criaturas, mas de formar com os outros seres do universo uma estupenda comunhão universal. O crente contempla o mundo, não como alguém que está fora dele, mas dentro, reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres. Além disso a conversão ecológica, fazendo crescer as peculiares capacidades que Deus deu a cada crente, leva-o a desenvolver a sua criatividade e entusiasmo para resolver os dramas do mundo, oferecendo-se a Deus *como sacrifício vivo, santo e agradável* (Rm 12, 1). Não vê a sua superioridade como motivo de glória pessoal nem de domínio irresponsável, mas como uma capacidade diferente que, por sua vez, lhe impõe uma grave responsabilidade derivada da sua fé.

Papa Francisco, *Laudato si'*, n<sup>o</sup> 220